

e-book

Curricularização da extensão no Ensino Superior

Sustentabilidade financeira e abismo entre academia e mercado de trabalho

plataforma a⁺



A nova legislação pode finalmente acabar com o abismo entre a academia e o mercado de trabalho, dar sustentabilidade financeira à IES e oferecer um modelo educacional inovador e alinhado ao século 21.

Este e-book mostra como colocar em prática

plataforma a⁺

Produção e texto: Luiz Eduardo Kochhann

Edição: Leonardo Pujol (República – Agência de Conteúdo)

Revisão: Natália Collor

Design: Eduarda Lazzaretti

este e-book pretende explorar:

- + + + Os principais aspectos a serem observados na lei da curricularização da extensão;*
- + + + Como ela pode melhorar a sustentabilidade financeira das IES;*
- + + + Como a curricularização pode ser usada estrategicamente para implementar um modelo educacional inovador;*
- + + + Case: as lições do Centro Universitário da Região da Campanha (Urcamp) no campo das ações extensionistas.*

+ + + introdução

clique no título para ir diretamente à página

entendendo a legislação da curricularização da extensão	4
sustentabilidade financeira	7
um novo modelo educacional	10
URCAMP e o uso estratégico da curricularização da extensão	14

Nos últimos anos, o mercado de trabalho passou por profundas transformações. Em boa parte provocada pelos **novos hábitos da sociedade e pelo avanço da tecnologia digital**, essa revolução passou a exigir dos profissionais um domínio maior de habilidades. Além das aptidões técnicas, os profissionais devem ser dinâmicos, capazes de se reinventar, trabalhar em equipe e apresentar soluções para problemas complexos. Dispor de **habilidades socioemocionais**, enfim.

Mas não é o que acontece no mercado de trabalho. E a razão para o vácuo de talentos tem menos a ver com os colaboradores e mais com quem os educa.

Na contramão das necessidades do mundo moderno, muitas instituições de ensino superior (IES) insistem em um currículo conteudista, com aulas expositivas e disciplinas pouco ou nada práticas. Um caminho que definitivamente não leva ao desenvolvimento das competências e aptidões necessárias neste século 21.

A boa notícia é que existe solução para o abismo que separa a academia da realidade. A resposta é uma reestruturação curricular baseada em metodologias ativas e outras abordagens de ensino inovadoras. Nesse sentido, a chamada curricularização da extensão vem para agregar.

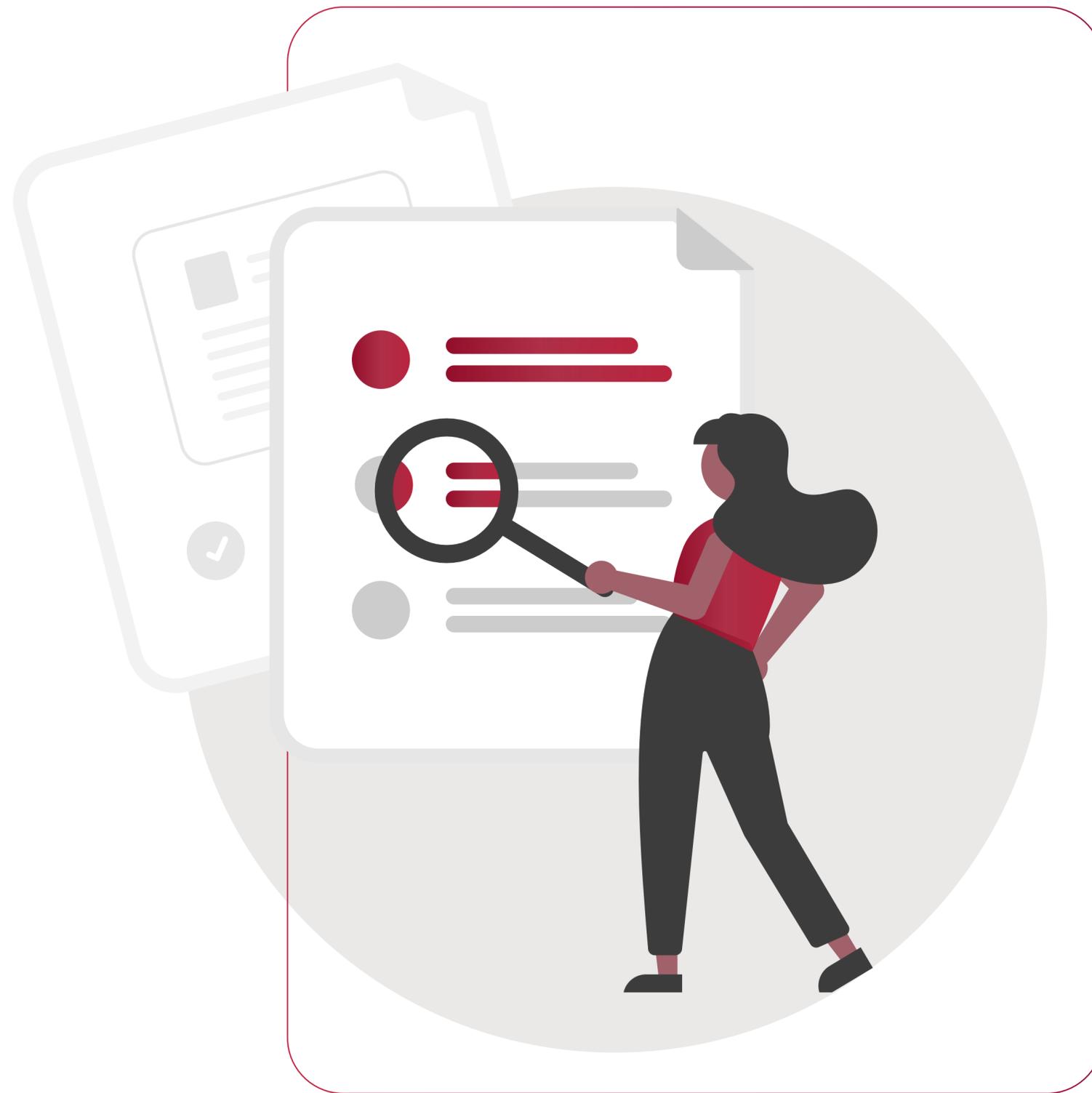
A lei obriga que, até 2023, todas as graduações destinem pelo menos 10% da carga horária a atividades de extensão. Em vez de encarar como um fardo burocrático, a IES pode olhar a legislação como a oportunidade perfeita para montar projetos pedagógicos mais conectados ao mundo moderno. E, de quebra, melhorar as finanças.

BOA LEITURA!

1 entendendo a legislação da curricularização da extensão

As diretrizes para inclusão de atividades de extensão no currículo dos cursos de graduação foram estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) através da resolução nº 7 de 18 de dezembro de 2018. **Pela legislação, no mínimo 10% da carga horária total dos cursos precisa, obrigatoriamente, ser destinada à extensão.**

Inicialmente, as IES ganharam três anos para se adaptarem às regras – o que ia até dezembro de 2021. Devido os efeitos da pandemia, a data limite foi estendida por mais um ano. Ou seja, conforme o Parecer 498/2020 do CNE, **a curricularização da extensão deve ser implementada até 18 de dezembro de 2022.**





Na prática, as instituições que finalizarem o segundo semestre de 2022 antes desta data podem se adequar a partir de janeiro de 2023. Aquelas que pretendem estender o segundo semestre para além de 18 de dezembro têm que garantir 10% do currículo para atividades de extensão ainda no segundo semestre de 2022.

Quer começar a adequação do currículo da sua IES?

[CLIQUE AQUI E FALE COM UM ESPECIALISTA](#)

De qualquer maneira, o mais recomendável é iniciar as alterações curriculares o mais cedo possível. Para o diretor da **+A Educação** (antiga Grupo A Educação), Gustavo Hoffmann, dar escala à curricularização da extensão é um desafio que envolve, entre outros pontos, **o treinamento de professores e a quebra de barreiras institucionais**. Por isso, mesmo sem a obrigação imediata, **o ideal seria que as instituições realizassem projetos pilotos em pelo menos dois cursos**. O quanto antes.

O QUE MAIS VOCÊ PRECISA SABER

As diretrizes do CNE estabelecem os parâmetros para aplicação e avaliação das atividades extensionistas. Em primeiro lugar, vale destacar que a **extensão tem um caráter essencialmente presencial** – embora uma parte dos seus componentes possa funcionar online.

No caso dos cursos na modalidade de Educação a Distância (EaD), **as atividades devem ser realizadas em região compatível com o polo de apoio presencial** no qual o estudante está matriculado.

Além de estruturar atividades para preencher no mínimo 10% da carga horária dos cursos, a nova política de extensão deve estar presente nos **Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) e no Projeto Pedagógico da Instituição (PPI)**. Não há saída: é parte do processo alterar os PPCs e PPI para adequá-los às regras.

A concepção da extensão nos PPCs, por exemplo, deve incluir o planejamento, registro e descrição de como as atividades serão realizadas, assim como o detalhamento do processo de autoavaliação, com estratégias e indicadores a serem utilizados.

A curricularização da extensão estará sujeita à contínua autoavaliação crítica. **Entre os requisitos a serem avaliados estão a articulação entre ensino, pesquisa, formação do estudante e qualificação docente; a relação com a sociedade e a participação dos parceiros; e os resultados alcançados pelos projetos.**

Os programas, projetos, cursos, oficinas e prestação de serviços devem estar vinculados à formação do estudante. Também devem envolver comunidades externas, com foco em áreas de grande pertinência social, como comunicação, cultura, direitos humanos, justiça, educação, meio ambiente, saúde, tecnologia e trabalho. Os atores parceiros incluem empresas, instituições sociais e a comunidade em geral.

Cabe às IES, portanto, manter projetos sistematizados e mensuráveis.

para ficar de olho

PRAZO

18 de dezembro de 2022 (IES que finalizarem o segundo semestre de 2022 antes do prazo limite podem se adequar a partir de janeiro de 2023).

CURRÍCULO

No mínimo **10% da carga horária total** dos cursos precisa, obrigatoriamente, ser destinada à extensão.

MODALIDADE

Embora possa ter componentes online, a extensão deve ter um **caráter presencial**.

CURSOS EAD

As atividades devem ser realizadas em **região compatível** com o polo de apoio presencial no qual o estudante está matriculado.

COMO FICAM OS PCCs

Assim como o PPI da instituição, os PCCs devem ser **alterados para adequar** a política de extensão às novas regras.

2 sustentabilidade financeira

O ensino superior foi um dos mercados mais afetados pela crise econômica desencadeada pela pandemia do novo coronavírus. A evasão cresceu, assim como a inadimplência. Só o número de matrículas que não aumentou; em vez disso, caiu.

Para se ter uma ideia do impacto: em abril de 2020, um mês depois do coronavírus frear o mundo, a inadimplência média teve um aumento de 72% na comparação com o mesmo período do ano anterior. A evasão, por sua vez, cresceu 32,5%, segundo o Semesp.





Um ano depois, em abril de 2021, a pandemia persistia no Brasil e seguia gerando incertezas. O que denota uma recuperação lenta para o ensino superior.

A pesquisa “Observatório da Educação Superior: análise dos desafios para 2021”, realizada pela empresa de **consultoria Educa Insights** em parceria com a Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior (ABMES), mostra que os alunos estão adiando a entrada na graduação. Segundo o estudo, 38% dos entrevistados preferem entrar na faculdade apenas no segundo semestre de 2021. Outros 13% vão esperar até 2022.

Nesse cenário, a curricularização da extensão é útil. Segundo Gustavo Hoffmann, a nova lei tem claro potencial para melhorar a saúde financeira das instituições de ensino.



Se for bem modelada, a curricularização da extensão pode gerar economia. Esse é um ponto que precisa ser considerado, especialmente em momentos de crise”, afirma o diretor da +A Educação.

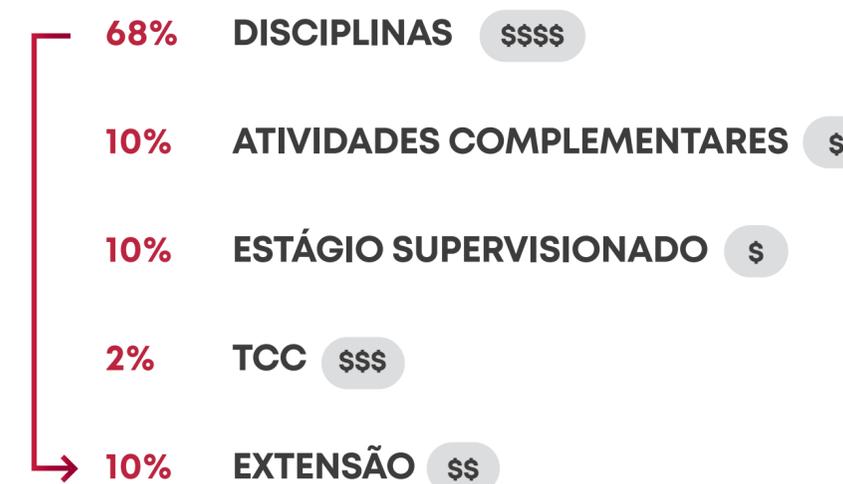
O cálculo é simples. Basta olhar para a estrutura financeira padrão de cursos populares, como Engenharia e Ciências Contábeis. Em geral, as disciplinas demandam 68% do total de investimentos da grade curricular. Atividades de extensão, assim como estágios supervisionados e atividades complementares, tomam apenas 10% do orçamento cada. Ainda mais baratos, os Trabalhos de Conclusão de Curso custam apenas 2%.

“A curricularização da extensão é uma forma de otimizar as matrizes curriculares”, alerta Hoffmann. A conclusão, nesse caso, é que vale a pena transformar parte da carga horária das disciplinas – que são mais caras – em atividades de extensão, mais baratas.

“Além de trazer mais benefícios, a extensão pode custar em torno de 50% menos do que custaria uma disciplina”, completa.

para ficar de olho

Custo médio de cada componente curricular:



A curricularização da extensão é uma chance para reorganizar os componentes. Levar parte da carga horária das disciplinas para atividades de extensão pode gerar economia de 50%.

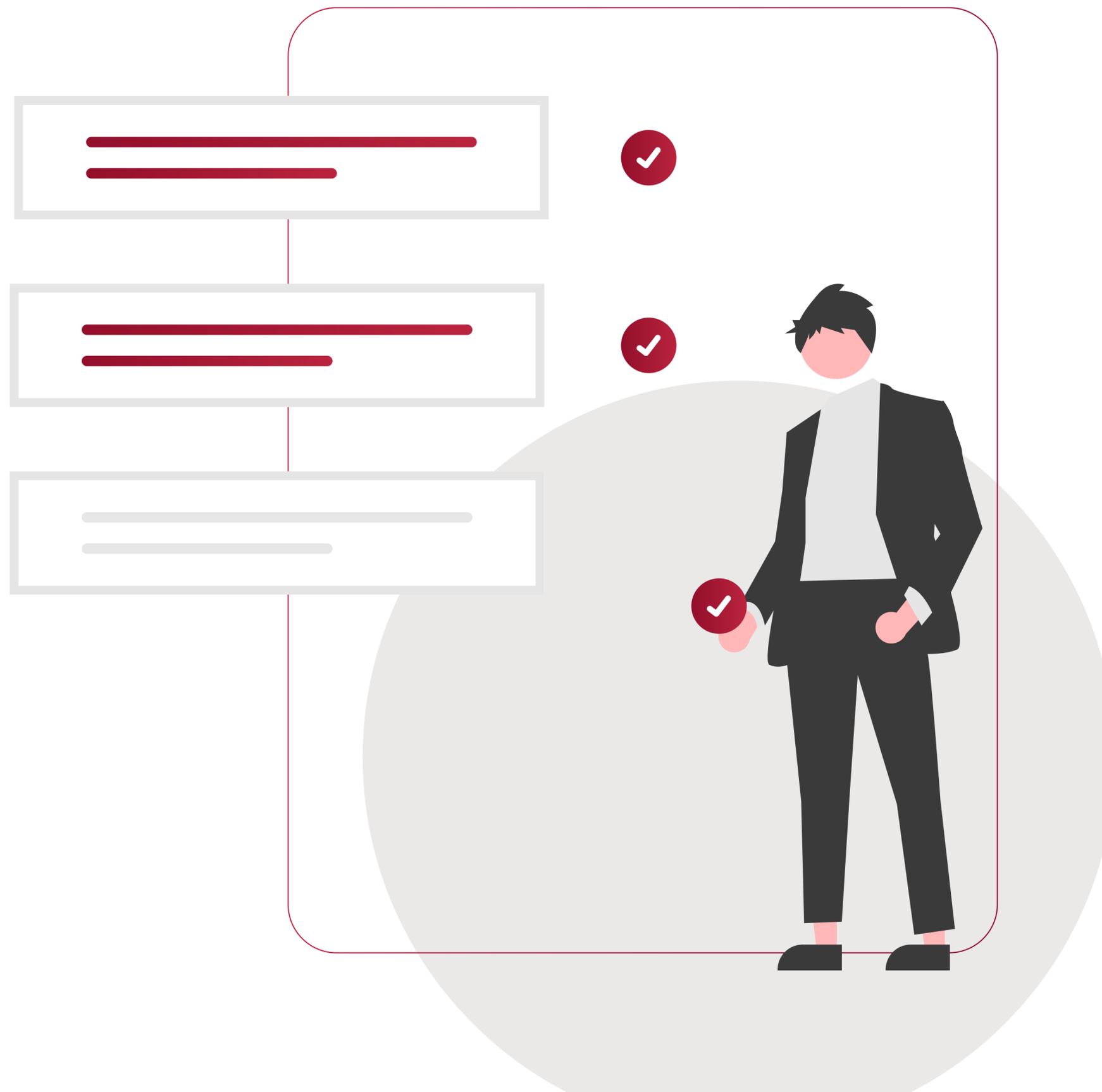
3

um novo modelo educacional

Além de promover a sustentabilidade financeira, a curricularização da extensão pode levar a uma verdadeira revolução no atual modelo educacional do ensino superior. Dessa maneira, tende a diminuir o abismo entre a academia e as necessidades do setor produtivo, do mercado de trabalho e da sociedade do século 21.

Estudos no Brasil e no exterior ilustram o tamanho do problema.

Nos Estados Unidos, uma pesquisa realizada pela Gallup e publicada no portal Inside Higher Ed aponta que enquanto apenas 11% dos líderes e gestores empresariais consideram a formação universitária adequada, 99% (isso mesmo, 99%!!) dos gestores acadêmicos acreditam que o currículo é adequado.



Outra pesquisa recente da +A Educação e da Educa Insights traz o cenário brasileiro. **Perguntados se os currículos estão conectados ao mundo real, 69% dos diretores acadêmicos afirmaram que sim. Por outro lado, apenas 39% dos empregadores disseram que os alunos chegam com as competências adequadas ao mercado de trabalho.** É como diz o meme: algo de errado não está certo.

Há uma explicação para o fenômeno. Em geral, a discrepância tem a ver com o privilégio dado às competências técnicas nos currículos. Isso não significa que elas tenham que ser deixadas de lado. Em vez disso, a questão é que boa parte das competências técnicas no setor produtivo podem ser executadas por robôs e softwares – inteligência artificial (IA) e aprendizagem de máquinas.



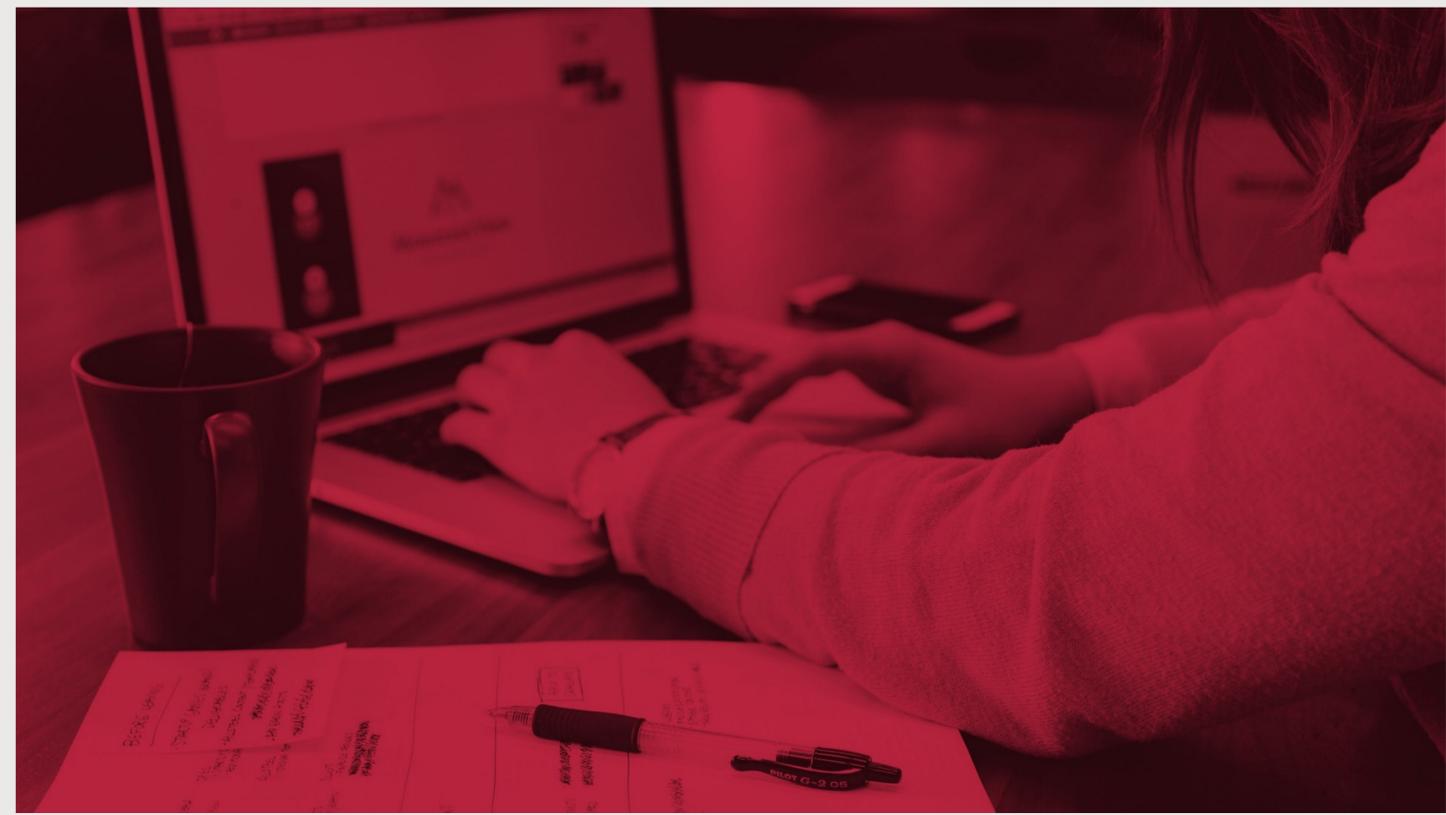
Segundo uma pesquisa do Laboratório de Aprendizagem de Máquinas em Finanças e Organizações, da Universidade de Brasília (UnB), até 2026 boa parte das atribuições dos profissionais de nível superior serão substituídas por máquinas. A probabilidade de automação atinge profissões de áreas diversas, como engenharia mecânica (91%), veterinária (84%), medicina (56%), docência de matemática (88%) e advocacia (76%).

Ou seja: o impacto da automação sobre o trabalho vai atingir, lá na frente, estudantes que estão ingressando no ensino superior agora.

É aqui que entra as competências socioemocionais. Os formandos devem desenvolver uma capacidade de adaptação para, quando necessário, mudar de profissão. A Universidade Nacional de Cingapura, reconhecida por sua vertical voltada ao lifelong learning, prevê que seus egressos terão, em média, seis carreiras diferentes ao longo da vida.

E que fique claro: não estamos falando de empregos diferentes, mas de carreiras.

Relegadas ao segundo plano nos currículos, as competências socioemocionais (soft skills) são apontadas pelo relatório The Future of Jobs, do Fórum Econômico Mundial, como as mais esperadas dos profissionais do futuro. Algumas habilidades incluem pensamento analítico, aprendizagem ativa, resolução de problemas complexos, colaboração, pensamento crítico, criatividade, originalidade e iniciativa.



para ficar de olho

E ONDE ENTRA A CURRICULARIZAÇÃO DA EXTENSÃO?

“A curricularização da extensão é uma excelente oportunidade para corrigir esse abismo gigantesco, criando um currículo mais aderente entre a academia e o mundo real”, explica Gustavo Hoffmann.

Como a curricularização faz isso? Estimulando a formação integral do aluno como cidadão crítico e responsável por meio de atividades práticas – e, preferencialmente, interdisciplinares – que envolvam problemas da comunidade. Desde cedo, o estudante coloca a mão na massa para criar soluções para demandas semelhantes às que irá encontrar na rotina da sua profissão – e no dia a dia.

Inserir a extensão nos currículos através de metodologias ativas, como a **aprendizagem baseada em projetos**, é, portanto, uma saída em direção a um novo modelo educacional. Um modelo educacional inovador, moderno, onde o aluno desenvolve competências socioemocionais ao mesmo tempo que absorve as habilidades técnicas. É o que vamos ver em detalhes, a seguir, com o exemplo da Urcamp.

Competências do século 21, segundo o relatório Future of Jobs, do Fórum Econômico Mundial:

Pensamento crítico

Capacidade de resolução de problemas

Criatividade

Liderança

Negociação

Colaboração

Tomada de decisão

Capacidade de comunicação

Probabilidade de automação das profissões até 2026, segundo o Laboratório de Aprendizagem de Máquinas em Finanças e Organizações, da Universidade de Brasília (UnB):

Administrador (29%)

Contador (49%)

Advogado (76%)

Psicólogo (75%)

Professor de português (42%)

Professor de matemática (88%)

Fisioterapeuta (72%)

Enfermeiro (55%)

Médico (56%)

Engenheiro Civil (79%)

Engenheiro Mecânico (91%)

Engenheiro Químico (96%)

Arquiteto (78%)

Veterinário (84%)

4 URCAMP e o uso estratégico da curricularização da extensão

O **Centro Universitário da Região da Campanha (Urcamp)** usou a curricularização da extensão como estratégia para uma mudança de paradigma na educação. Tudo começou com algumas inquietação dos gestores, como lembra Virgínia Paiva Dreux, pró-reitora de ensino da instituição localizada em Bagé, na região da campanha gaúcha – faixa do bioma pampa que faz fronteira com o Uruguai.

“Chegou um momento em que começamos a nos perguntar o que estava acontecendo com o mundo, o que o mercado queria dos egressos, quais profissionais queríamos formar e o que precisávamos oferecer nesse cenário”, conta.



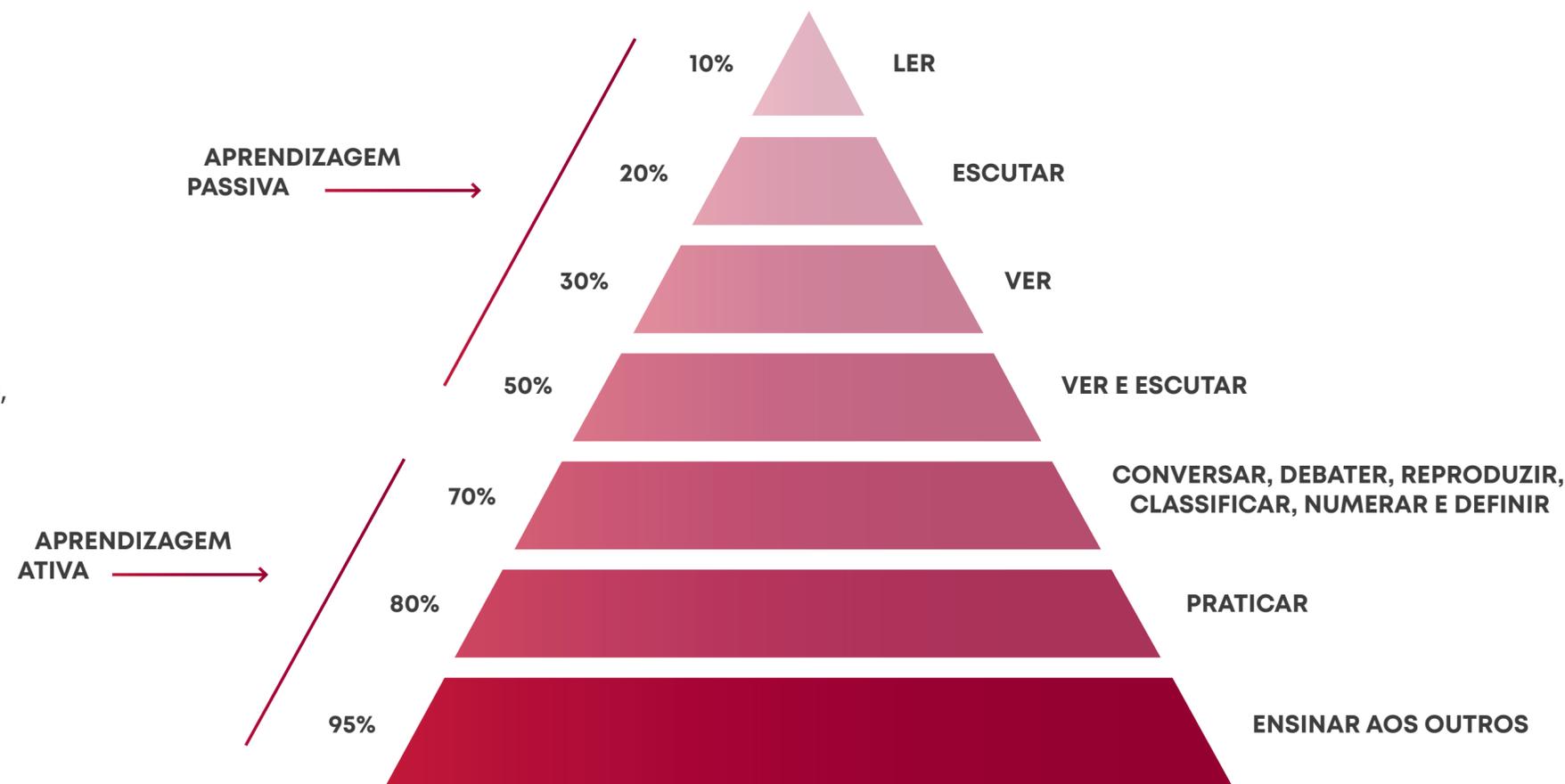


Um dos primeiros diagnósticos foi que, **atualmente, os alunos não estão mais satisfeitos com o modelo de aulas expositivas**, onde o professor funciona como um mero transmissor do conteúdo. Então, **ficou evidente a necessidade de apostar em aulas mais dinâmicas, baseadas em metodologias ativas**, com o aluno no centro do processo de aprendizagem.

Era preciso investir em inovação metodológica para aliar a apropriação do conteúdo técnico das disciplinas ao desenvolvimento de soft skills. “Entendemos que o currículo tradicional, sem interdisciplinaridade, não formava o aluno para um mercado de trabalho mais tecnológico e voltado à prática”, afirma Virgínia.

A busca por bons exemplos começou em 2017. A reitora Lia Quintana e demais membros da gestão, visitaram instituições de ensino em países como Inglaterra, Espanha e México. O objetivo das viagens era absorver as melhores práticas e tendências da educação 4.0. Sempre com foco voltado para a inovação.

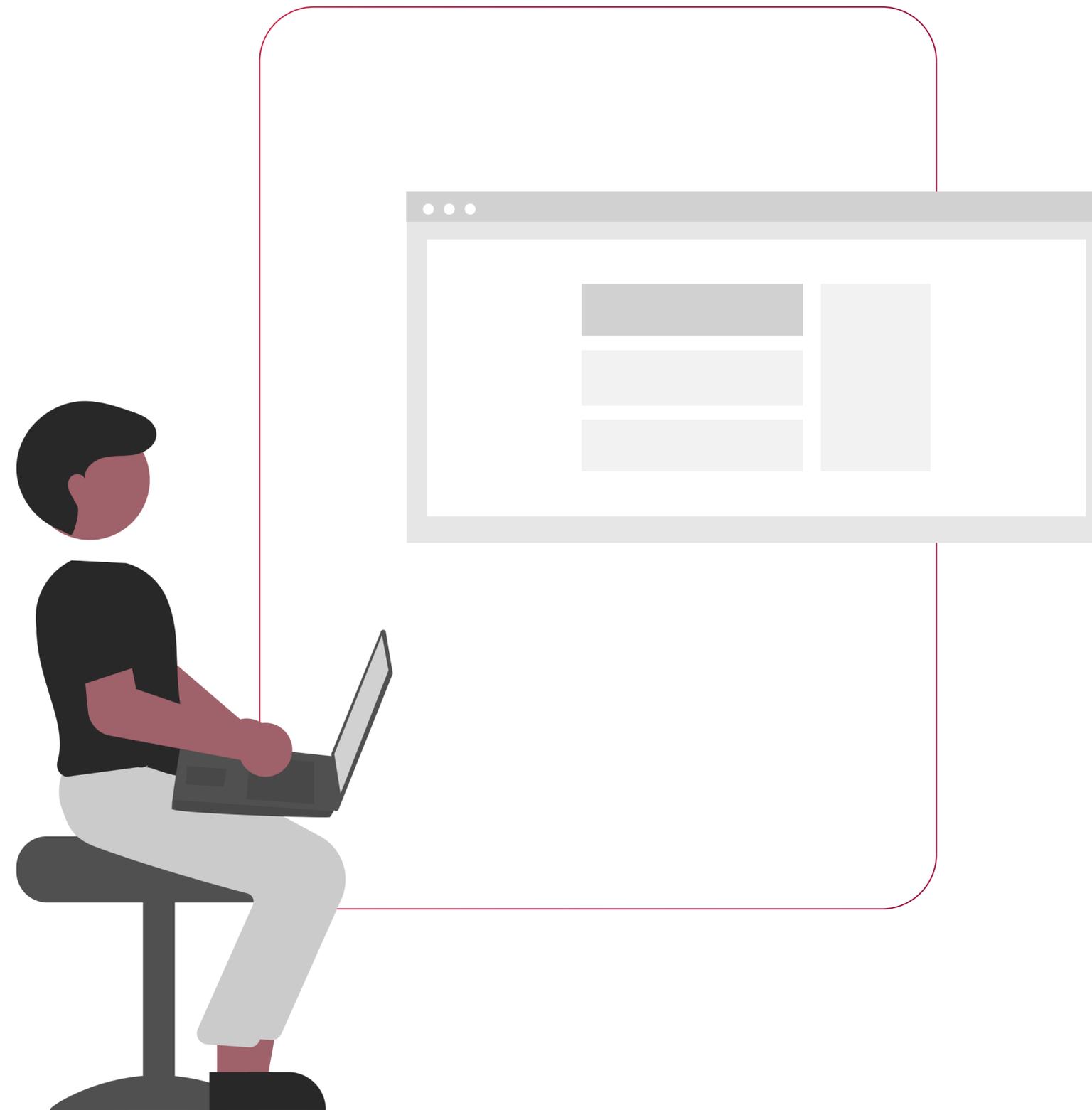
Além disso, a Urcamp olhou com atenção para **a pirâmide de aprendizagem de William Glasser**. Conhecida por estimar o índice de retenção obtido por diferentes formas de transmissão do conhecimento, a pirâmide mostra que aprendemos muito mais quando praticamos e interagimos com os colegas.



A partir dessas referências, nasceu o novo modelo curricular da Urcamp, implementado no primeiro semestre de 2019. Formatado por competências, o currículo encontrou na resolução de problemas reais da comunidade por meio de projetos a solução para a inquietação dos gestores.

Na prática, um dia por semana – sempre na quinta-feira - é reservado para o desenvolvimento de projetos integradores. São atendidas demandas de Organizações Não Governamentais (ONGs), prefeituras, associações de bairro e pequenos negócios. O modelo funciona para todos os cursos - e desde o primeiro semestre.

“A extensão saiu da burocracia dos editais para que o aluno pudesse desenvolvê-la dentro do próprio currículo”, comemora Virgínia. Com isso, a Urcamp aproximou o estudante do mercado de trabalho e incrementou a aprendizagem. “Ele consegue assimilar melhor os conteúdos, sabendo que vai praticar e conhecer a rotina da sua profissão desde o primeiro dia de aula”, completa.



Nesse processo, um dos principais desafios é a **capacitação dos professores** para trabalhar com metodologias ativas. Isso porque os docentes assumem um papel mais voltado à mentoria. Na Urcamp, foram dois anos de preparação, com treinamentos e oficinas quinzenais e seminários de boas práticas para formar os professores. Mentores externos à instituição também apoiam os alunos na construção dos projetos.



Segundo Virgínia, o segredo está em pensar a curricularização como uma estratégia – e não como uma simples resposta à legislação. “A quebra de paradigma está usar a curricularização da extensão como estratégia para agregar uma metodologia inovadora, aumentando o perfil comunitário da instituição”, completa.

para ficar de olho

Desde 2019, quando implementou a curricularização da extensão, até o primeiro semestre de 2021, a Urcamp chegou aos seguintes números:

1.011 projetos

786 desafios

304 empresas atendidas

165 comunidades atendidas

2.000 estudantes envolvidos

654 mentores envolvidos

Segundo a pró-reitora, a Urcamp obteve melhora significativa em indicadores acadêmicos, como empregabilidade e aprovação. “Temos cursos com 100% dos alunos empregados. E aumentaram significativamente os estágios extracurriculares e de alunos empregados já nos semestres iniciais”, comemora.

Além disso, benefícios financeiros já apareceram. **“Reduzimos significativamente nossos custos, o que possibilitou a redução das mensalidades. Nosso valor ficou mais competitivo ao mesmo tempo que conseguimos entregar mais qualidade de ensino”**, afirma Virgínia.

O IMPACTO DA CURRICULARIZAÇÃO EM ALUNOS E PROFESSORES

O apoio à comunidade sempre esteve no DNA da Urcamp. Antes da curricularização, porém, a extensão era vista por muitos alunos como uma saída para cumprir atividades complementares obrigatórias.

Depois veio a reviravolta.

“Eles se empoderaram da prática desde o primeiro contato com a graduação, compreendendo de forma efetiva e humanizada o contexto geral da sua escolha profissional”, acrescenta ela.



+ + +

Isso acontece devido à **conexão entre os processos de aprendizagem e a realidade com a qual o estudante está inserido ou se identifica de uma forma particular**. “Essa abordagem permite uma formação mais reflexiva, resolutiva, segura e independente que entrega profissionais mais aptos a resolver os desafios de um mundo em constante evolução”, afirma Bragança.

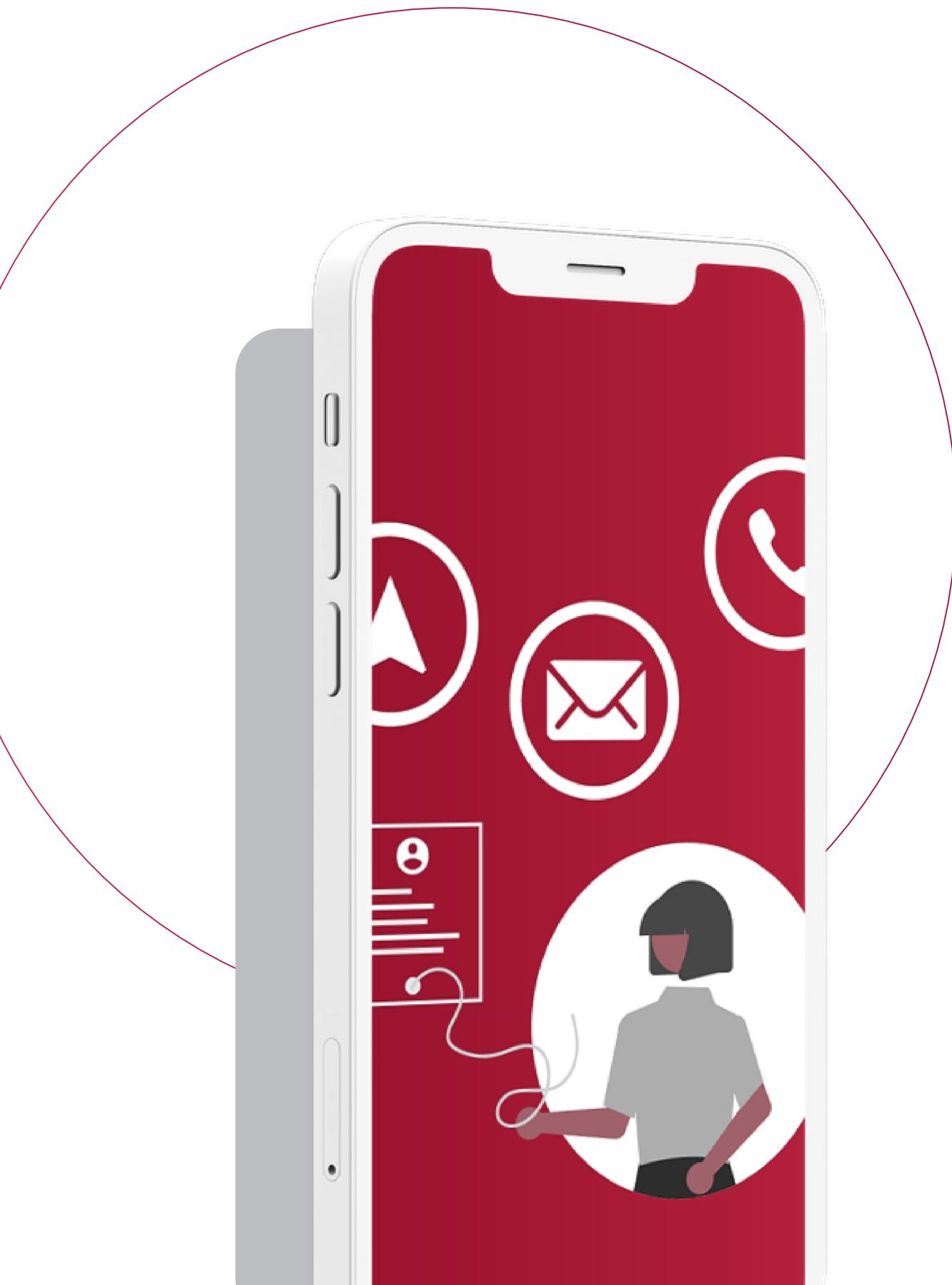
Alunos do curso de Engenharia Civil, por exemplo, tiveram a oportunidade de montar um novo projeto arquitetônico para Santa Fé, a cidade cenográfica do filme O Tempo e o Vento. Doado ao município de Bagé, o espaço estava em processo de degradação. Após uma solicitação da prefeitura, os alunos foram a campo e projetaram as plantas para a reforma do local.



Uma plataforma online é utilizada pela Urcamp para receber as demandas da comunidade e acompanhar os projetos. Foi assim também que a Casa da Menina, um lar para crianças em situação de vulnerabilidade social, relatou dificuldades no primeiro acolhimento às jovens. Então, os alunos de psicologia criaram um jogo ludoterápico para ajudar a entidade nesses momentos.



Do lado dos professores, Bragança diz que a sensação é de “sonho realizado”, “meta alcançada”, “objetivo atingido” a cada projeto concluído. “Esses são os nossos sentimentos, pois o professor tem na sua essência o desejo de ser mais do que teoria, de tornar-se ação e fazer com que os alunos idealizem suas profissões”.



**Quer implementar
a curricularização
da extensão na
sua IES?**

FALE CONOSCO

+++

plataforma a⁺